

desmoronam e soterram aquilo de que éramos feitos, e, na medida em que flossa memória se vai, vai-se o mundo também. É tão fácil ser só, viver sozinho, quando se tem um cachorro por perto. Às vezes, fico escutando sua respiração e imagino ser esse ruidoso ofegar o único fio de cabelo que me prende à vida, mas também isso passa. Baile de máscaras, erosão, pó. A vida faz-se pó, e isso é tudo. Os acessos de solidão de que sofria antigamente passaram. O amargo ressentimento que me sufocava deu lugar a uma profunda indiferença. O torno do mundo afrouxou seu aperto, e eu cairei em breve

Deito-me no sofá e pego o primeiro livro ao alcance da mão. É a *Redescoberta do Novo Mundo*, de Humboldt, uma compilação contendo os relatos da *Viagem às regiões equinociais do novo continente*, o *Ensaio sobre a situação política da ilha de Cuba* e os diários que ele deixou e que se encontravam em Berlim Oriental, na Biblioteca Nacional da antiga República Democrática Alemã, vindo agora, pela primeira vez, complementar as partes já publicadas. Uma bela edição, feita com inteligência, enviada a mim por seu organizador porque, nos estados orientais — que, logo após a união com o Estado rico, parecem ter proibido a leitura —, malbarataram-na, transformando-a em papel velho, e justamente em Leipzig.

Dou uma folheada nas partes do livro que conheço e topo com a passagem na qual, por volta do final de fevereiro de 1801, Humboldt toma a decisão de juntar-se à viagem do capitão Bandin. Divide seus herbários em três partes, para não ter de expô-los às intempéries de uma viagem marítima, e descobre, mais tarde, que uma das partes, entregue a um franciscano, sucumbiu às ondas. A coleção de insetos perdeu-se também, da mesma maneira. Do paradeiro de seu diário, contendo todas as observações astronômicas e toda a altimetria obtida com o auxílio do barômetro, ele fica anos sem ter notícias, até que, por acaso, na biblioteca em Filadélfia, e já equipado para a viagem de volta à Europa, depara no índice de uma revista científica com o artigo: "A chegada dos manuscritos do senhor Humboldt à casa de seu irmão em Paris, via Espanha".

Naturalmente, vem-me à mente de imediato Himmelarb, que pôde saudar a chegada de seu manuscrito com cerca de cinqüenta anos de atraso, sob outro nome e em tradução. Preciso ler sua carta. Imediatamente. Mas, tendo penosamente colocado as pernas no chão e pretendendo levantar-me, Stanley faz-se ouvir com um ronco tão bravo que me deixa cair de novo no sofá. A pausa do almoço tem de ser observada.